

VOZES DISCURSIVAS EM TEXTOS JORNALÍSTICOS: ABORDAGEM LINGUÍSTICA EM TEXTOS QUE NOTICIAM A VIOLÊNCIA CONTRA AS MULHERES

Andreia Tamaris de Souza Aquino (UNIMONTES)

andreiatamaris@hotmail.com

Viviane Rodrigues (UNIMONTES)

viviliteratura@gmail.com

RESUMO

A presente pesquisa, alicerçada sob a perspectiva bakhtiniana, propõe-se analisar as vozes discursivas que permeiam notícias publicadas no jornal Estado de Minas que abordam a violência contra as mulheres. Objetiva-se com este trabalho verificar na materialidade pesquisada o modo como os enunciados foram produzidos e a ocorrência de diálogos com discursos ideológicos que advém de distintos contextos e posicionamentos sociais. Deste modo, buscou-se também verificar alterações nas vozes discursivas enunciadas antes e após a implantação da Lei Maria da Penha e do termo feminicídio. Para tanto, selecionamos as seguintes notícias publicadas no jornal em datas diferentes: “Vendedor mata ex-mulher a facadas no Santa Teresa”; “Motoboy é suspeito de assassinar ex-mulher”; “Ex-marido é acusado de crime”; “Execução sumária é filmada”, “Crime ofusca ação policial”; “Choro de criança revelou barbárie”; “Uma história que se repete e Feminicídio dispara enquanto proteção falha”. A metodologia utilizada foi a revisão bibliográfica e documental, por meio dos métodos comparativo e observacional. Como embasamento teórico consultou-se autores que discorrem sobre essas temáticas, tais como: Mikhail Bakhtin (1895–1975), Voloshinov (1981), Barros (2003), Brait (2018), Brandão (2004), Dias (2018), ONU MULHERES (2016), entre outros. Como resultados das análises percebeu-se que os textos revelaram a presença de diálogos com discursos ideológicos de diferentes sujeitos e que há mudanças no posicionamento das vozes discursivas de acordo com o momento da implantação da referida lei.

Palavras-chave:

Femicídio. Notícia jornalística. Vozes discursivas.

ABSTRACT

This research, based on a Bakhtinian perspective, aims to analyze how discursive voices permeate news published in the newspaper Estado de Minas that address violence against women. Aims with this work is to verify in the materiality researched how the statements were found and the occurrence of dialogues with ideological discourses that come from different contexts and social positions. Thus, we also sought to verify changes in the discursive voices enunciated before and after the implementation of the Maria da Penha Law and the term femicide. To do so, we selected the news published in the newspaper on different dates: “Salesman kills ex-wife with knife wounds in Santa Teresa”; “Motoboy is suspected of murdering his ex-wife”; “Ex-husband accused of crime”; “Summary execution is filmed, Crime overshadows police action”; “A child’s cry reveals barbarism”; “A story that repeats

itself, and Femicide triggers while protection fails”. The methodology used was a bibliographical and documental review, through comparative and observational methods. As a theoretical basis, authors who discuss these themes were consulted, such as: Mikhail Bakhtin (1895–1975), Voloshinov (1981), Barros (2003), Brait (2018), Brandão (2004), Dias (2018), ONU WOMEN (2016), among others. As a result of the simulated analyses, the texts revealed the presence of dialogues with different ideological discourses and there are changes in the positioning of discursive voices according to the moment of implementation of the law.

Keywords:

Femicide. Discursive voices. Journalistic news.

1. Introdução

As notícias jornalísticas são construídas por meio de discursos legitimados e estruturados, a fim de proporcionar ao interlocutor um diálogo interativo e construtivo. Os fatos noticiados estão repletos de vozes discursivas de diferentes sujeitos que apresentam distintos posicionamentos sociais. O discurso jornalístico é construído com base no fato e, para isso, o redator o organizará de forma a proporcionar equanimidade nas notícias, em função de atrair a atenção do destinatário.

Esta pesquisa consiste em uma reflexão sobre o modo como as vozes discursivas evidenciam posicionamentos ideológicos nos enunciados do texto notícia jornalística, a partir da concepção dialógica linguagem. O que foi percebido em notícias do Jornal Estado de Minas com abordagem sobre violência contra as mulheres.

Sendo assim, para embasar análises realizadas, a pesquisa é fundamentada em teóricos da análise do discurso da vertente francesa e dialógica, que discute dialogismo, polifonia, ideologia e intertextualidade, bem como autores que conceituam a teoria jornalística e a teoria sobre a violência contra a mulher.

2. No limiar do dialogismo

Os termos polifonia e dialogismo foram abordados a princípio por Mikhail Mikháilovitch Bakhtin (1895–1975), formulada por Michel Pêcheux (1975), o qual criou três prismas para analisar o discurso, que são: *condição de produção*, *formação ideológica* e *formação discursiva* (interdiscurso). Assim, Bakhtin infere que todo discurso dialoga com um outro e eles são formados por vozes produzidas através dos enunciados. Nesse sentido, a polifonia e o dialogismo estão relacionados às diferentes

vozes manifestadas no discurso, conforme Helena Nagamine Brandão (2004), quando afirma que o sujeito “se desdobra e assume vários papéis no discurso, nos remete ao conceito de polifonia, elaborado inicialmente por Bakhtin, que opõe (como já vimos) um discurso polifônico, tecido pelo discurso do outro, (...)” (BRANDÃO, 2004, p. 85). Em suma, a polifonia consiste nos enunciados de vozes discursivas que integram o discurso, em que são inseridas comumente.

A notícia jornalística é composta por enunciados onde são marcadas as vozes discursivas, assim como afirma Bakhtin (1997) “o enunciado sempre é direcionado, tem destinatário definido (o “leitor”, o “público” e suas diferenças por épocas), em seu término acentua-se essa relação” (BAKHTIN, 1997, p. 116). Assim, o discurso jornalístico que aborda a violência contra as mulheres está direcionado ao público de leitores, que busca se informar dos acontecimentos atuais, uma vez que na notícia os enunciados são elaborados conforme o contexto e a cultura de uma época e dialogam-se estruturando um discurso significativo para atrair os leitores.

Na dispersão dos enunciados, são manifestadas as vozes discursivas e nelas é inserido o discurso do outro que dialoga com as demais vozes, estruturando discursos. Barros (2003) aborda o “dialogismo discursivo, desdobrado em dois aspectos: o da interação verbal entre o enunciador e o enunciatário do texto, o da intertextualidade no interior do discurso” (BARROS, 2003, p. 2). Nesse sentido, o dialogismo ocorre em diferentes modos e a intertextualidade reflete no discurso de modo a entreter o diálogo. Quando o enunciador insere o discurso do outro, propõe a sustentação do seu discurso para que seja significativo ao destinatário. O redator, ao escrever casos de violências contra a mulher em notícias jornalísticas, fará uso da intertextualidade, de modo que fundamente seus argumentos ao fato noticiado, e possa torná-lo mais imparcial. O jornal está inserido em um meio cultural e social, sendo assim, o redator poderá incluir em seus discursos as leis que regem o funcionamento da sociedade atual, causando efeito de intertextualidade no texto.

De acordo com Voloshinov e Bakhtin (1981, p. 21), “tudo que é ideológico possui um valor semiótico”. Assim sendo, o signo para os integrantes do Círculo vai além do seu significado real, é uma troca de representações que são criadas durante a interação e passam a ter um caráter valorativo a cada indivíduo, que adquire o signo de modo ideológico. O signo está integrado na palavra, pois é nela que o falante expressa as representações ideológicas. Nesse sentido, Voloshinov e Bakhtin

(1981) atesta que é “na palavra que melhor se revelam as formas básicas, as formas ideológicas gerais da comunicação semiótica.” (VOLOSHINOV e BAKHTIN, 1981, p. 24). A palavra é o meio tradicional da comunicação, por isso ela é de extrema importância nos estudos da linguagem, pois é nela que é revelado o conhecimento sobre determinado objeto e a ideologia, que é manifestada como signo. Além de ser o elemento fundamental presente no enunciado, é proficiente de ser responsiva para o destinatário e supradestinatários.

Dito de outro modo, as contribuições teóricas apresentadas e relacionadas com a abordagem sobre os enunciados nos diálogos pesquisados constroem uma reflexão pertinente para realizar a análise.

3. *Análise do corpus selecionado*

As primeiras notícias analisadas neste artigo foram publicadas três anos antes da intitulada Lei Maria da Penha, a saber: notícia 1 – “Vendedor mata ex-mulher a facadas no Santa Tereza”; notícia 2 – “Motoboy é suspeito de assassinar ex-mulher”; e a notícia 3 – “Ex-marido é acusado de crime”. Em sua materialidade, as notícias apresentam enunciados com diferentes discursos ideológicos. Os crimes noticiados ocorreram em contextos em que ainda não existia uma lei efetiva que amparasse a mulher, vítima desses atentados, por esse motivo não há nos referidos discursos dessas notícias relação com a Lei nº 11.340/06, conhecida por Lei Maria da Penha.

Para construir um paralelo entre os enunciados foram selecionadas três notícias publicadas após a implantação dessa referida lei, que são: notícia 4: “Execução sumária é filmada”; notícia 5: “Crime ofuscação policial”; e notícia 6: “Choro de criança revelou a barbárie”. E subsequente, mais duas notícias, as quais foram publicadas após a inclusão do termo feminicídio, são elas: notícia 7: “Uma história que se repete”; e notícia 8: “Femicídio dispara enquanto proteção falha”. No processo de análise esse novo contexto propiciou mudanças significativas nesses discursos jornalísticos.

3.1. Notícia 1 – Vendedor mata ex-mulher a facadas no Santa Tereza¹

O jornalista inicia a sua narrativa incluindo a voz discursiva da vítima, a qual está marcada entre aspas: “O ‘não’ à sua proposta de reconciliação e a descoberta de que sua ex-mulher havia assumido novo relacionamento foram motivos para que o vendedor ambulante Hélio Hemógenes Carlos Júnior, de 31 anos, a matasse e ainda tentasse se suicidar diante da filha do casal, de apenas 3 anos.”. O fato do enunciador dar ênfase na voz discursiva da vítima, já causa uma comoção ao leitor, e ao final, em que ele acrescenta a tentativa de suicídio na frente da filha do casal, proporciona ao público uma emoção de repúdio e revolta. Percebe-se que esse enunciado está imbricado com o discurso sensacionalista, visto como estratégia jornalística para provocar sensações e sentimentos diversificados.

Esta estratégia do sensacionalismo passa a fazer parte da notícia jornalística, fator que intenciona promover comoções no público, como afirma Márcia Franz Amaral (2003) que as “notícias da imprensa sensacionalista sentimentalizam as questões sociais, criam penalização no lugar de descontentamento e se constituem num mecanismo reducionista que particulariza fenômenos sociais.” (AMARAL, 2003, p. 136). Depreende-se que o sensacionalismo na notícia envolve o fenômeno psíquico do leitor para atrair e prender a sua atenção através do fator emocional.

Em outro enunciado, observa-se a subjetividade presente do redator ao dizer: “(...) mas mesmo à distância percebeu sua mãe sendo brutalmente agredida.” Ao descrever a forma como estava sendo agredida, o redator emprega em seu discurso o adjetivo “brutalmente”, conferindo por esse termo a expressividade dele em relação com o objeto do discurso. Nessa ressalva feita pelo enunciador, ele polemiza o fato narrado, com isso, explicita-se uma tendência ideológica de persuasão.

Já em outro enunciado, aparece uma voz discursiva do amigo do casal, que é inclusa pelo redator e dialoga com o fato ocorrido, quando diz: “Eles começaram a discutir e o Helinho ficou enfurecido quando Renata disse que não iria reatar o casamento, pois estava tendo uma relação. Ela se levantou e saiu em companhia da filha, e ele foi atrás.” Percebe-se, que esse enunciado dialoga com discurso ideológico de índole machista; no início do enunciado há um posicionamento em defesa do

¹ MINAS, Jornal Estado. Vendedor mata ex-mulher a facadas no Santa Tereza. 04/01/2003, p.19. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

agressor, ao relatar a indiferença da mulher e ao descrever seu estado emocional, assim como em chamá-lo pelo nome em grau diminutivo “Helinho”; já revela afinidade e complacência com a atitude do agressor. Assim, essa voz discursiva expressa ideologias advindas do patriarcalismo, pois é na materialidade do enunciado que se percebe que o sujeito evidencia sua alteridade. Por ser pertencente ao meio social e extraído da comunicação discursiva, este enunciado é tecido como fonte de verdade para o discurso jornalístico.

Os enunciados são emitidos dentro de um contexto social, e é a partir dele que passam a aderir às ideologias, as quais ficam evidentes quando são proferidas durante a enunciação. Faraco aborda que, no Círculo, os enunciados “têm sempre uma dimensão avaliativa, expressam sempre um posicionamento social valorativo. Desse modo, qualquer enunciado é, na concepção do Círculo, sempre ideológico – para eles, não existe enunciado não ideológico” (FARACO, 2009, p. 47). Assim, os enunciados são mediados por um posicionamento relativo a valores, isto é, para alguns dos integrantes do Círculo não existe a neutralidade nos enunciados, pois são todos repletos de ideologias.

A voz discursiva do cabeleireiro compatibiliza-se com a voz da mulher que aparece no início entre aspas. Assim, conclui-se que as vozes discursivas presentes nessa notícia contêm ideologias e estão articuladas pelo jornalista, inseridas propositalmente, de modo a não deixar marcas de ambiguidade sobre o fato narrado.

3.2. Notícia 2 – Motoboy é suspeito de assassinar ex-mulher²

Adentrando no discurso dessa notícia, o redator faz a descrição do fato de forma precisa e faz uma afirmação patente, ao dizer: “O principal suspeito é o ex-marido, motoboy Ângelo Tito Mendes, de 36.”. Neste enunciado, o termo utilizado “principal” já exclui a possibilidade de haver outros que sejam também suspeitos. Deste modo, dialoga com o leitor transmitindo um discurso de objetividade, com marcas da ideologia decorrente da profissão jornalística.

No decorrer da narrativa, uma voz discursiva é introduzida para dialogar e atestar a afirmação do enunciado anterior. Nela explicita que:

² MINAS, Jornal Estado. *Motoboy é suspeito de assassinar ex-mulher*. 06/ 01/ 2004, p. 15. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

“Segundo testemunhas, Ângelo ainda ligou para a irmã da ex-mulher para contar o que tinha feito.” Este enunciado que revela o ato discursivo do agressor após o crime faz alusão a discursos ideológicos de posse e de superioridade do agressor. Também o termo colocado “ainda”, com sentido de acréscimo das ações dele, pelas vozes discursivas das testemunhas já evidencia ao leitor que ele é autor do crime. Essas vozes discursivas dialogam, por assim dizer, a fim de convencer o destinatário do principal suspeito.

Esses discursos são comuns ocorrerem em notícias, pois na profissão do jornalista prevalece a ideologia da legitimidade. Assim, Traquina (2005) afirma que há uma “existência de um conjunto de valores e normas (a objetividade, a independência, o imediatismo) que formam uma ideologia profissional, cimento essencial na definição do ser jornalista” (TRAQUINA, 2005, p. 105). Nota-se aí que a notícia jornalística ampara-se na ideologia da legitimidade, com isso, os recursos estratégicos são essenciais para fomentar o discurso jornalístico.

No final da notícia, há a voz discursiva que se posiciona em relação ao fato narrado, dialogando com outros fatos de crimes ocorridos anteriormente, ao afirmar: “Marli foi uma das 34 vítimas de crime violento, na região metropolitana, no período de 6h do dia 31 a 6h de ontem, que compreendeu a passagem do ano.”. Percebe-se assim, que neste enunciado prevalece a voz do redator, ao informar os dados e empregar a expressão “crime violento” isso já adverte ao leitor pela quantidade de crimes, em um curto período de tempo; a palavra “violento” configura-se ao discurso sensacionalista para causar comoção. Para amparar esse discurso, o redator insere uma informação como fonte discursiva para corroborar com sua afirmação, explicitando: “A Secretaria de Estado de Defesa Social informou ontem que passará a divulgar os números de homicídios da Região Metropolitana de Belo Horizonte trimestralmente e não a cada final de semana, como ocorria em 2003.”. Essa fonte detém valores de verdade, transmite um discurso ideológico de convencimento em relação à quantidade de casos de crimes que estavam ocorrendo na região. Assim, o discurso está legitimado, com objetivo de transmitir a idoneidade da notícia jornalística para o público destinado.

3.3. *Notícia 3 – Ex-marido é acusado de crime*³

O crime que está estampado nesta notícia aborda uma violência contra a mulher, a qual ocorreu um ano antes da Lei Maria da Penha entrar em vigor, mas já havia alusões a essa nova lei. Assim sendo, o discurso da notícia está com vozes de autoridades.

O jornalista faz a descrição do assassinato no início da notícia, e inclui a fala do delegado, em que prestou atendimento ao caso, em que diz: “Com o depoimento da principal testemunha, acredito que vamos conseguir elementos suficientes para transformar a prisão provisória em preventiva.”. Essa voz discursiva de autoridade que se posiciona diante do fato revela o ato de comprometimento com o caso, devido o sujeito pertencer a um grupo social que abrange valores hierárquicos relativos da profissão de delegado, é notório que a voz discursiva está em posição ideológica de superioridade. Assim, essa voz discursiva dialoga com o destinatário transmitindo uma tenacidade em solucionar o caso ocorrido de violência contra mulheres.

Segundo Bakhtin (1895–1975), a relação com o sentido é sempre dialógica, uma vez que a própria compreensão já é dialógica. Daí depreende-se que as vozes no texto também dialogam com o leitor, pois a compreensão é considerada um modo responsivo. Quando o leitor concorda ou discorda das ideias postas, ele está, de fato, dialogando com o texto, com posições de julgamento com base na interpretação e na assimilação das vozes discursivas presentes.

No final da notícia, o redator inclui a falado agressor, que se posiciona em um ato de defesa, quando diz: “Antônio Rocha, que ficará preso no Ceresp, garantiu que é inocente. Ele e Ediléia estavam separados, mas moravam no mesmo lote, com os dois filhos que tiveram.”. Este enunciado confronta com as outras vozes discursivas, em que retrata o discurso de defesa do agressor, ao afirmar que estavam separados, sem vínculo de afeto; porém, no enunciado o redator insere o termo de restrição “mas” que remete a condição vulnerável em que a mulher estava exposta, não obstante, ela ter feito várias denúncias contra o ex-marido. Assim, as vozes discursivas, estão em diferentes campos perceptivos e em relações dialógicas sobre o mesmo objeto de discurso.

³ MINAS, Jornal Estado. *Ex-marido é acusado de crime*. 07/06/2005, p. 26. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

3.4. *Notícia 4 – Execução sumária é filmada*⁴

A notícia “Execução sumária é filmada” está construída com lide, manchete, imagens e o corpo do texto, resultando na centralização do interlocutor na construção. Nota-se que a manchete dialoga com as imagens, e a lide já informa o assunto principal da notícia. O enunciado da manchete causa uma comoção no leitor ao expressar “Execução sumária é filmada”. O uso do termo “sumária” já revela a crueldade e a rapidez em que aconteceu o crime; inserida intencionalmente pela voz discursiva do jornalista para impactar e atrair o público, visto como recurso de estratégia pertencente à ideologia jornalística, esse enunciado está traçado com o discurso do delegado, que aparece ao final da notícia. Assim sendo, o discurso está em constante diálogo com a voz do outro.

O redator faz a descrição do fato com detalhamentos e o discurso está repleto de vozes discursivas de testemunhas, de parentes e do delegado; elas aparecem em diferentes posicionamentos sociais. A voz discursiva do redator exterioriza o diálogo com outro texto, para aduzir o interlocutor sob seu fundamento em relação ao objeto.

Nela, revelam-se algumas das medidas protetivas que foram aplicadas, referentes às denúncias da vítima, como consta na notícia: “Revoltados, parentes da vítima entregaram à polícia cópias de oito boletins de ocorrência registrados por ela contra o borracheiro. Em abril do ano passado, segundo o fórum de Lafayette, Fábio foi enquadrado na Lei Maria da penha.”. E ainda acrescenta: “‘Havia, inclusive uma ordem judicial para ele não se aproximar de Islaine’, disse um cunhado da vítima.” No primeiro trecho citado há uma voz discursiva, que é a do próprio jornalista, o qual inicia exaltando o emocional dos parentes, quando invoca o termo “Revoltados”, salientando a expressividade no intuito de ocasionar impactos emocionais ao leitor, uma característica específica do discurso ideológico sensacionalista. Percebe-se, que o redator afirma que o agressor foi indiciado com base na Lei Maria da Penha, o fato de introduzir a lei já faz uma intertextualidade, pois faz referência a outro campo de conhecimento. O segundo trecho traz a fala do cunhado da vítima, que se posiciona com discurso de defesa embasado na lei. Essa voz discursiva, inserida como fonte de verdade, dialoga com o descumprimento do agressor com as medidas impostas pela Lei Maria da Penha.

⁴ MINAS, Jornal Estado. *Execução sumária é filmada*. 21/01/2010, p. 25. Acesso em 23 de outubro de 2021.

Essa notícia sobre violência contra mulher presente no suporte jornal, apresenta no texto a intertextualidade inclusa no discurso. O jornalista ao relatar o fato da violência contra a mulher retomará outros discursos para atrair o leitor, pois “o discurso jornalístico é um discurso que deve provocar o desejo, o desejo de ser lido/ouvido/visto” (TRAQUINA, 2005, p. 46). Em suma, a intertextualidade no discurso jornalístico é considerada fonte de objetividade e legitimidade, esses recursos são estratégias para prender a atenção do leitor.

As vozes discursivas de testemunhas também aparecem nessa notícia, ao afirmar: “Quando se separaram, há um ano, moravam num apartamento no Bairro Candelária. Além de não aceitar o fim do relacionamento e ter um ciúme doentio da ex-mulher, segundo testemunhas.” Nota-se que as vozes discursivas das testemunhas proferidas para caracterizar o agressor, ao empregarem os termos “ciúme doentio”, já demonstram posicionamento e o diálogo com discurso ideológico possessivo, de feito machista. Em outro enunciado aparece a voz da manicure, que trabalhava no salão junto com a vítima. Ela reproduz a fala do agressor, que condiz com as vozes discursivas das testemunhas: “Fábio dizia que se Islaine ficasse com outro homem, mataria os dois. Só que ela não estava com ninguém.” Verifica-se neste enunciado que a voz discursiva expõe o posicionamento autoritário do agressor, que é procedente da ideologia machista.

Adeclaração proferida pela irmã da vítima, que também dialoga com as atitudes do agressor ao dizer: “Ele era muito possessivo. Por diversas vezes, chamei minha irmã para morar comigo no Bairro Caiçara, mas ela era teimosa, não queria se afastar dos seus clientes e acreditava que o relacionamento deles fosse ficar tranquilo.”. Neste enunciado, ao aparecer o adjetivo “possessivo”, faz alusão ao discurso ideológico machista, que configura como controle obsessivo sobre outrem. Percebe-se também na voz discursiva um posicionamento de defesa para com a vítima, o que se percebe nos termos expressivos “mas ela era teimosa”, revelando já o emocional da irmã que queria protegê-la das agressões e ameaças. Nota-se que a irmã explicita em seu discurso a descrença no agressor, ao dizer que a vítima “acreditava”. Com isso, a irmã postula que o fato da vítima acreditar é que gerou a consequência dessa tragédia, assim, infere-se que o discurso da irmã alega a culpa na vítima.

Ao final da notícia é inserida a fala do delegado que está dialogando com a manchete da notícia, em que diz: “O delegado da Homicídios Venda Nova, Álvaro Homero, disse que o crime foi uma execução

sumária.”. Assim, é nas alternâncias das vozes discursivas presentes nessa notícia que é construída a convergência dialógica.

3.5 Notícia 5 – *Crime ofusca ação policial*⁵

Na notícia “Crime ofusca ação policial”, o jornalista aborda as ações da Lei Maria da Penha, destacando-se nela as imagens de policiais e o fato do assassinato ter ocorrido bem no dia em que a delegacia comandava ofensiva contra agressores. O redator descreve que a mulher foi vítima de crime passional, conhecido por crime de afeto, movido pelo sentimento de paixão e ódio.

A referida notícia apresenta ainda mais vozes discursivas de autoridades e um relato do agressor. A voz do redator revela o comprometimento da Lei Maria da Penha com os casos de violência contra a mulher. A voz da polícia manifesta a voz de defesa do agressor, que diz: “Eu era muito ciumento e ela me esnobava.”. A voz discursiva se posiciona com argumentos de defesa e evidencia um discurso ideológico machista, ao tentar justificar o crime, argumentando que a mulher o ignorava, estando ciente que ele era ciumento, o que revela indício de posse sobre outrem, afirmando ser um sujeito possessivo.

Com isso, é possível perceber marcas ideológicas que estão nas vozes discursivas distribuídas no discurso. Tendo em vista que “no sistema da língua se imprimem historicamente as marcas ideológicas do discurso. Sabe-se que uma única língua produz discursos ideologicamente opostos, pois classes sociais diferentes utilizam um mesmo sistema linguístico” (BARROS, 2003, p. 8). Existem vários fatores que influenciam a marca ideológica no discurso, como as classes sociais, sistema político, desigualdade de gênero, crenças religiosas, etc. Nessa notícia percebe-se que cada posicionamento social manifesta diferentes ideologias.

O discurso reiterado pela polícia revela a austeridade da Lei Maria da Penha com os casos de violência contra a mulher: “Ele não tinha passagens pela polícia, nem multa de trânsito e conta que foi aprovado recentemente em vestibular para enfermagem. Agora, pode pegar de 12 a 30 anos de prisão.”. Observa-se que o leitor, ao limitar apenas no início desse enunciado, infere que há uma defesa do agressor. Porém, ao lê-lo

⁵ MINAS, Jornal Estado de. *Crime ofusca ação policial*. 11/04/2013. Acesso em 20 de outubro de 2021.

em sua plenitude depara com a ironia no final, ao colocar o termo “agora” com expressividade, já inferindo que mesmo que o agressor nunca tenha cometido nenhum delito, a lei será aplicada com rigor igualmente aos outros. Assim, essa voz discursiva revela valores que advêm do campo profissional da polícia e dialoga com o discurso ideológico de autoridade.

O redator também dialoga com a voz de autoridade da delegada, afirmando os princípios da Lei Maria da Penha, ao expressar: “Queremos preservar a integridade física e mental das vítimas.” Este enunciado, proferido da voz discursiva da autoridade da lei, recebe destaque e atenção na notícia, pois dialoga com discurso de competência e comprometimento da Lei Maria da Penha, promovendo a intertextualidade no discurso. Essa voz discursiva dialoga com o destinatário direcionado, que é o público feminino, por ser vulnerável a esses tipos de crimes. Dessa maneira, a notícia apresenta vários diálogos com discursos de autoridades que estão nas vozes discursivas de sujeitos com posicionamentos sociais distintos.

3.5. *Notícia 6 – Choro de criança revelou barbárie*⁶

Essa notícia destaca-se pela sua construção, pois há cor vermelha no enunciado da manchete que já sinaliza uma tragédia de assassinatos. Ela dialoga com o interlocutor de modo direto, uma vez que as cores tem caráter de signo semiótico, e nelas são agregados valores ideológicos, os quais a sociedade configura como código de comunicação, sendo alguns universais. Conforme os estudos de Luciano Guimarães (2001), já faz séculos que a cor vermelha adquiriu representações na sociedade. Ele afirma que o “(...) vermelho foi, desde a Idade Média, a cor do crime e do pecado, possivelmente por sua relação denotativa com a cor do sangue derramado” (GUIMARÃES, 2001, p. 119). Com isso, o vermelho tornou-se um símbolo comunicativo de alerta de perigo ou acontecimento de morte. O fato de só a parte do enunciado em que aparece “choro de criança” está em vermelho, sensibiliza e comove o leitor, ao perceber que o crime envolveu uma criança e atrai a atenção do leitor para o corpo da notícia.

⁶ MINAS, Jornal Estado de. *Choro de criança revelou barbárie*. 7/11/2016. Acesso em 22 de outubro de 2021.

O redator insere a voz do agressor, o qual assumiu o crime e revelou a causa: “O motivo foi ciúmes, segundo o preso, que não gostou de uma mensagem no celular dela.” Percebe-se que a voz discursiva do agressor já expõe marcas ideológicas ao relatar no seu discurso que o motivo foi “ciúmes”, explicitando uma ideologia de posse. Outra voz ainda sobressai na notícia, que é a do sargento, que diz: “O homicídio foi descoberto quando a menina começou a chorar de fome e de sede. Os vizinhos chamaram a polícia, que abriu a porta, encontrou a menina e os corpos no banheiro.”. Essa voz está dialogando com a manchete da notícia, ao referir-se ao choro da menina; a fala do sargento causa comoção ao leitor, ao relatar o sofrimento e a situação a que a criança estava exposta, o que também apresenta o discurso ideológico com valores de conduta da profissão de autoridade.

No final dessa notícia, o redator transmite a voz de parentes da vítima: “Segundo parentes de Cristina, ela já tinha sido agredida fisicamente por Charles antes, mas nunca deu queixa à polícia. Eles chegaram a se separar, mas retomaram o relacionamento e o fim foi trágico.”. A voz discursiva revela o contexto violento em que a vítima vivia com agressor. No final do enunciado há um posicionamento de discordância da atitude da vítima, por nunca ter buscado ajuda das autoridades competentes que atendem a esses tipos de casos; e também ao acrescentar que, devido ela reatar o relacionamento, ocasionou essa atrocidade. Dessa forma, percebe-se por essa voz discursiva que a culpa incide sobre a mulher, com discurso ideológico vinculado ao contexto social.

Portanto, infere-se que a construção da notícia perpassa pelo contexto social e cultural. Assim, a presente notícia foi publicada com nova acepção, isso ocorre através das circunstâncias das vozes discursivas, que estão direcionadas para a lei que protege a mulher desse tipo de crime, e também pelos recursos dialógicos que aparecem na notícia.

3.6. *Notícia7 – Uma história que se repete*⁷

A notícia “Uma história que se repete” também relata uma violência contra a mulher, porém expõe no discurso uma mudança histórica e universal, pois utiliza o termo feminicídio para denominar esse tipo de

⁷ MINAS, Jornal Estado de. *Uma história que se repete*. 31/07/2019, p. 14. Acesso em 23 de outubro de 2021.

violência. Em vista, que na contemporaneidade essa violência caracteriza-se com nome específico.

O redator inicia com uma explicação ao leitor: “Feminicídio no Sul de Minas ontem repetiu o enredo de crimes praticados por homens com histórico de violência contra mulheres.” A voz discursiva do redator causa alerta ao destinatário, ao empregar os termos “ontem repetiu o enredo”, sugerindo ao interlocutor que já havia ocorrido vários casos semelhantes de homens com relatos de violências. Nota-se a expressividade presente na voz do redator para provocar comoção ao público e, desse jeito, dialoga com o discurso ideológico de persuasão e sensacionalismo, como estratégia jornalística.

Devido o aumento de violência contra as mulheres, houve uma modificação na lei, em março de 2015, “a Lei nº 13.104/2015 alterou Código Penal Brasileiro e incluiu o feminicídio como uma das formas qualificadas do homicídio, (...)” (ONU MULHERES, 2006, p. 17)⁸. Tal alteração na lei é uma forma de qualificar as mortes de mulheres vítimas de violências com parceiros e pessoas próximas que tenham/tiveram laço afetivo.

Em outro enunciado aparece a voz da polícia que descreve a defesa feita pelo agressor, quando relata: “(...) ao ser preso, João Cândido confessou o crime e creditou o ato de ciúmes devido a uma suposta traição da mulher. O suspeito contou que questionou a namorada no domingo e que ela assumiu ter conversado com outro rapaz, mas negou que tivesse saído com ele.” Essa voz discursiva do policial revela os argumentos do agressor, a fala dele ao expressar “ato de ciúmes” revela valores que provém do patriarcalismo. O discurso dialoga com ideologias de poder sobre outro e, pela voz ser proferida por uma autoridade, transmite credibilidade à notícia. Já em outro enunciado na voz de autoridades, diz: “As imagens estão um pouco distorcidas, mas dá para ver que é ele.” Nota-se aí a afirmação do delegado, ao investigar o caso. Neste sentido, essa voz discursiva dialoga com o discurso de ação e comprometimento, ato este que configura a objetividade da notícia de jornal.

A notícia está construída com recursos que despertam a atenção do leitor: a imagem com vários carros da polícia civil e a presença de

⁸ “A referência legal ao sexo da vítima não se limita ao conceito biológico da pessoa com genitália feminina. [...] a Lei assegura proteção tanto a lésbicas como travestis, transexuais e transgêneros de identidade feminina que mantém relação íntima de afeto em ambiente familiar ou de convívio.” (DIAS, 2019, p.81).

vozes discursivas em torno das investigações. Esses recursos dialogam com o público destinatário ao proporcionar uma perspectiva sobre o empenho das autoridades na apuração do fato, conforme a nova lei impõe aos crimes ocorridos com mulheres em razão de gênero.

3.7. Notícia 8 – *Feminicídio dispara enquanto proteção falha*⁹

A última notícia analisada foi publicada em 31/07/2019: “Feminicídio dispara enquanto proteção falha”, revelando mudanças acentuadas no discurso e uma inserção de recursos para sua construção. O discurso está permeado por várias vozes discursivas, em maior parte de autoridades femininas.

Na voz da delegada Ingrid Estevam, do Núcleo Especializado na Investigação de Feminicídios, em que diz: “Temos câmeras e todo o histórico do relacionamento. Independentemente de testemunhas, é notório e claro o envolvimento dele. Por meio do próprio histórico que ele criou, ameaçando, batendo, praticando todo tipo de violência contra a mulher. Ele assinou sua própria sentença.”. Percebe-se, que a voz discursiva da delegada se posiciona com rigor contra o agressor, ao usar termos expressivos, como “notório e claro”, reforça seu argumento, e também a expressividade no final do enunciado, em que ela pressupõe a condenação do sujeito infrator; essa voz discursiva dialoga com dois discursos ideológicos: o do movimento feminista e da autoridade. Em virtude do cargo profissional de delegada que ela ocupa na sociedade, que é fundamentado nas diretrizes da lei contra violência em razão de gênero, é que propicia o diálogo com essas ideologias. Desse modo, o enunciado da voz da delegada está direcionado ao discurso ideológico advindo da nossa contemporaneidade, que é a indignação da violência contra a mulher em razão de gênero.

Em outro enunciado de um delegado titular, que é pertencente a outro departamento da Delegacia Especializada de Crimes Contra a Vida, o qual também se posiciona frente ao assassinato, ao afirmar: “Temos observado que esse tipo de crime está com a violência cada vez exacerbada.”. E mais ao final ele acrescenta: “Hoje a violência contra a mulher

⁹ MINAS, Jornal Estado de. *Feminicídio dispara enquanto proteção falha*. 31/07/2019. Acesso em 21 de outubro de 2021.

está em voga, e a repressão a esses crimes também tem tido atenção especial por parte do Estado, tanto pela Polícia Militar, quanto pela Polícia Civil.” No primeiro enunciado, a voz discursiva exprime o reconhecimento das autoridades que esses crimes têm aumentado cada vez mais. Na última fala do delegado, ele declara que na sociedade atual esses crimes têm uma maior atenção, deixando implícito para o destinatário que crimes como esses, em anos atrás, não demandava interesse por parte do Estado. A expressão em “voga” no dicionário Aurélio significa “Grande aceitação; popularidade. Uso atual; moda. *Em voga*. Na moda.” (FERREIRA, 2011, p. 913). Com isso, contradiz a primeira fala do delegado, pois ele emprega o termo para justificar o posicionamento atual deles perante esses crimes, além de dialogar com outro contexto histórico, ele também dialoga com discurso ideológico machista e autoritário.

Há uma voz que se destaca no final da notícia, que aparece em vários posicionamentos diante do fato atraindo a atenção do leitor, que é a voz da juíza que acompanhou o caso. Percebe-se que antes de inserir a voz da juíza, que ficou inconformada com o fim dessa tragédia que poderia ter sido evitada com mais ações da lei, o redator que estrutura o texto, já antecede emocionalmente o leitor, ao dizer: “A juíza Maria Aparecida Consentino Agostini, do 1º Juizado de Violência Doméstica e Familiar Contra a Mulher, lamentou ontem o assassinato de Tereza. ‘Estamos consternados porque esse foi o primeiro feminicídio da nossa Vara desde quando eu a assumi, em maio de 2016’, disse.”. O redator reforça o posicionamento da juíza, enfatizando o estado emocional dela ao empregar o termo “lamentou”, com isso, apresenta o discurso ideológico sensacionalista. Na voz discursiva da juíza, em que aparece sua expressividade diante do objeto de discurso com o uso da expressão “estamos consternados”, refletem tendências ideológicas da contemporaneidade, que advém da perspectiva contextual, pois o posicionamento social dela dialoga com a práxis de conduta de valores, do caráter da competência da lei que regem a profissão da juíza, visto que é na materialidade dos discursos que são reveladas as ideologias, com o emprego de termos emotivos e axiológicos.

O enunciado que aparece no final da notícia, com a voz discursiva da juíza, dialoga diretamente com o público, ao fazer uma convocação para tornar a lei mais efetiva na sociedade, quando afirma que “a Lei Maria da Penha é uma das melhores, mas precisa ser mais efetiva. Precisamos ter mais políticas públicas que unam todas as instituições a favor da defesa da mulher”. Na primeira parte do enunciado, a juíza defende a

lei e depois ela se contrapõe, ao afirmar que a lei precisa ser executada com mais empenho. Posteriormente, ela solicita ao poder público criar meios para incluir o tema da violência contra a mulher em instituições educacionais, para que possa contribuir na conscientização sobre atos de violência contra a mulher em razão de gênero. Esse discurso cheio de valores provém da ideologia da profissão, que é preservar a integridade física e psicológica da mulher, e dialoga com discursos ideológicos feministas de uma classe menosprezada pela condição de gênero. Por fim, as vozes que permeiam o discurso foram selecionadas e articuladas para proporcionar uma recepção responsiva do leitor.

4. Considerações finais

O presente artigo teve como objetivo analisar as notícias veiculadas pelo jornal Estado de Minas e observar as vozes discursivas que dialogam entre si, revelando diferentes discursos ideológicos e posicionamentos sociais em que apresentam abordagem de violência contra as mulheres.

Foi possível observar na construção das três notícias divulgadas antes da lei entrar em vigor, que em duas delas ocorrem ausência da voz discursiva do agressor e da voz de autoridades. Já nas cinco notícias posteriores à implantação da Lei 11.340/06, nota-se a ocorrência de mudanças significativas: o texto privilegia o aspecto polifônico e as notícias são apresentadas com mais recursos que dialogam com o leitor.

Assim, conclui-se que, no decorrer das análises, pôde-se constatar alterações na inserção das vozes discursivas, a partir da implantação da Lei Maria da Penha e a inclusão do termo feminicídio, por serem dois contextos sociais com diferentes valores que proporcionam perspectivas diferentes na recepção do público destinado. Notou-se nas análises realizadas sobre as vozes discursivas, que as mesmas estão dialogando com diferentes discursos ideológicos, como o sensacionalismo, o machismo, a persuasão, o feminismo e os valores de conduta de autoridades, revelando um confronto de vozes, que provém de sujeitos de alteridades com diferentes posições sociais.

Portanto, as notícias do jornal Estado de Minas que foram analisadas apresentam em sua materialidade várias vozes discursivas que dialogam entre si e revelam posicionamentos ideológicos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMARAL, Márcia Franz. Sensacionalismo: inoperância explicativa. *Em questão*, v. 9, n. 1, p.136-46, Porto Alegre, jan./jun.2003. Disponível: <https://seer.ufrgs.br/EmQuestao/article/viewFile/66/26>. Acesso em 30 de maio de 2021.

BAKHTIN, Mikhail (1895-1975); BEZERRA, Paulo (Org.). *Os gêneros do discurso*. São Paulo: Editora 34, 2016.

BARROS, Diana Luz Pessoa; FIORIN, José Luiz (Org.). *Dialogismo, Polifonia, Intertextualidade*. 2. ed. São Paulo: USP, 2003.

BRAIT, Beth. *Bakhtin, dialogismo e polifonia*. São Paulo: Contexto, 2018.

DIAS, Maria Berenice. *A Lei Maria da Penha na Justiça*. 5. ed. Salvador: Jus Podivm, 2018.

FARACO, Carlos Alberto. *Linguagem e diálogos: as ideias linguísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Aurélio Júnior: dicionário escolar da língua portuguesa*. 2. ed. Curitiba: Positivo, 2011.

GUIMARÃES, Luciano. *A cor como informação: a construção biofísica, linguística e cultural da simbologia das cores*. 3. ed. São Paulo: Anna-blume, 2004.

TRAQUINA, Nelson. *Teorias do Jornalismo: A tribo Jornalística – uma comunidade interpretativa transnacional*. Florianópolis: Insular, 2005.

VOLOCHÍNOV, V. N.; BAKHTIN, Mikhail. *Marxismo e filosofia da linguagem*. 2. ed. São Paulo: Hucitec, 1981. Disponível em: <file:///E:/Bakhtin-m-marxismo-e-filosofia-da-linguagem.pdf>. Acesso em: 4 de fev. de 2020.

Outras fontes:

Jornal Estado de Minas. *Vendedor mata ex-mulher a facadas no Santa Tereza*. 04/01/2003, p. 19. Disponível em: <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Vendendor%20mata%20ex-mulher%20a%20facadas%20no%20Santa%20Tereza.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

_____. *Motoboy é suspeito de assassinar ex-mulher*. 06/01/2004, p.15. Disponível em: <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Motoboy%20C3%A9%20suspeito%20de%20assassinar%20ex-mulher.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

_____. *Ex-marido é acusado de crime*. 07/06/2005, p. 26. <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Ex-%20marido%20C3%A9%20acusado%20de%20crime.pdf>. Acesso em: 25 de outubro de 2021.

_____. *Execução sumária é filmada*. 21/01/2010, p. 25. Disponível em: <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Execu%C3%A7%C3%A3o%20sum%C3%A1ria%20C3%A9%20filmada.pdf>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

_____. *Crime ofusca ação policial*. 11/04/2013. Disponível em : <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Crime%20ofusca%20%C3%A7%C3%A3o%20policial.pdf>. Acesso em: 20 de outubro de 2021.

_____. *Choro de criança revelou barbárie*. 7/11/2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Choro%20de%20crian%C3%A7a%20revelou%20barb%C3%A1rie.pdf>. Acesso em 22 de outubro de 2021.

_____. *Uma história que se repete*. 31/07/2019, p.14. Disponível em: <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Uma%20hist%C3%B3ria%20que%20se%20repete.pdf>. Acesso em: 23 de outubro de 2021.

_____. *Feminicídio dispara enquanto proteção falha*. 31/07/2019. Disponível: <file:///C:/Users/Andreia/Documents/Feminic%C3%ADdio%20dispara%20enquanto%20prote%C3%A7%C3%A3o%20falha.pdf>. Acesso em: 21 de outubro de 2021.

ONU, Mulheres. *Diretrizes Nacionais feminicídio: investigar processar e julgar com perspectiva de gênero as mortes violentas de mulheres*. Disponível em: file:///E:/diretrizes_femicidio_FINAL.pdf. Acesso em: 30 de outubro de 2019.